

SOCIOLOGIA DA HIPOCRISIA OU BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE UM CENTENÁRIO ROMANCE RECIFENSE: A EMPAREDADA DA RUA NOVA

Ângelo Emílio da Silva Pessoa ¹

Há exatos cem anos, começava a ser publicado como folhetim, no *Jornal Pequeno* em Recife, o romance *A Emparedada da Rua Nova*², do escritor Joaquim Maria Carneiro Vilela (1846-1913), famoso em Pernambuco pela sua intensa participação nos meios intelectuais locais e pelas polêmicas jornalísticas das quais participara ao longo de sua vida.

O romance se baseou numa antiga lenda local, na qual um pai furioso teria emparedado viva uma filha solteira, que engravidara de um amante. A partir desse tema, Carneiro Vilela desenvolveu um longo folhetim com fortes doses de mistério e investigação policial, publicado até 1912, situando a tragédia no seio de uma respeitável e próspera família recifense burguesa, os Favais, na qual Leandro, um indivíduo com talentos de conquistador, teria se imiscuído e vivido romances tanto com a esposa como com a filha do comerciante Jaime Favais, levando esse último a lavar a sua “honra” maculada com sangue – através do assassinato do aventureiro Leandro Dantas – e a punir a filha grávida do Don Juan, emparedando-a viva num desvão do seu sobrado, situado na Rua Nova.

Nos meandros da história, os personagens apareciam descortinados em seus vícios e torpezas mais íntimos, apesar da aparência exterior, a princípio impoluta, revelando-se uma hipocrisia que atravessa seu perfil, bem ao sabor de uma literatura naturalista que grassava entre finais do século XIX e início do XX. Através de suas tramas, vão se desvelando aspectos significativos de como o autor percebia a sociedade que o cercava, assim como uma cidade que se modernizava em compasso acelerado, entre finais do século XIX e início do XX, trazendo em seu bojo mudanças de hábitos secularmente enraizados.

Carneiro Vilela era jornalista, poeta, romancista, teatrólogo, diplomado em Direito (1866), tendo exercido cargos na magistratura e outras funções públicas em Pernambuco e outras Províncias. Em 1901, foi o principal membro fundador da Academia Pernambucana de Letras. Era um homem intensamente atuante nos meios intelectuais locais, fundou diversos jornais de curta existência e esteve envolvido em vários combates então travados pela imprensa. Sua condição de Bacharel em Direito lhe rendeu contato com as diversas correntes de idéias que vicejavam em

¹ Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Professor Adjunto do Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba. Blog: <<http://terrasdehistoria.blogspot.com/>>. E-Mail: <angelopessoa@ibest.com.br>.

² Posteriormente ao falecimento de Carneiro Vilela, o romance foi publicado em formato de livro. A edição que utilizamos foi VILELA, Joaquim Maria Carneiro. *A Emparedada da Rua Nova*. 3 ed. Recife: Secretaria de Educação e Cultura; Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1984. Como haverá recorrentes citações ao romance, apenas indicaremos em parênteses os números das páginas. Atualizamos a grafia de algumas palavras, sem alterar-lhes o sentido original.

Recife nas últimas décadas do Oitocentos e que ficaram genericamente conhecidas como a Escola do Recife. Seu engajamento com a campanha a favor do casamento civil lhe rendeu acerbas polêmicas com os meios católicos mais conservadores de Pernambuco, o que perpassa sua obra de forma notável, levando o autor a escrever com forte virulência contra certos meios católicos locais³. A título de breve exemplo, quando discorreu sobre o triste fim de uma das personagens prostituídas, o autor empregou esse linguajar ferino: *A Calu, velha e imprestável, tornou-se devota e alistou-se como irmã socorrida na Sociedade de São Vicente de Paulo, que acabara de fundar-se e tinha pressa de angariar associados e prosélitos em todas as classes sociais. Caíra, pois, na maior das misérias: na exploração da hipocrisia e na corretagem da religião* (p. 553-554).

Nessa época de transição entre os dois séculos, os literatos e a literatura estiveram no cerne das lutas políticas então travadas, que refletiam e discutiam os mais diversos aspectos das mudanças em curso e as inquietudes do tempo. Como enfatiza Sevckenko: *Poucas vezes a criação literária esteve tão presa à própria epiderme da história tout court. Era em grande parte uma literatura encampada por homens de ação, com predisposição para a liderança e a gerência político-social: engenheiros, militares, médicos, políticos, diplomatas, publicistas*⁴

O alentado livro, com 555 páginas na sua 3ª edição, apresenta um vasto painel da vida social e urbana de Recife, uma cidade que enfrentava uma leva de modernização que, em algumas décadas, transformou o velho burgo colonial numa dinâmica metrópole. As profundas mudanças na fisionomia urbana e as conseqüentes alterações na vida cotidiana, sepultaram velhos costumes e trouxeram à baila novidades que, muitas vezes, se chocaram com valores profundamente arraigados⁵. Nesse cenário em movimento, se movimentavam os personagens d'*A Emparedada*, premidos pela sofreguidão de seus inconfessáveis desejos e a conveniência da moral vigente, mesmo que recalcada ao mero jogo das aparências. Numa atmosfera como essa, a crítica de uma moral esvaziada de substância aparece como uma cerrada crítica à hipocrisia pela pena de Carneiro Vilela; dessa forma, o livro aparece quase que como uma espécie de sociologia da hipocrisia, na qual o autor reclama contra alguns valores que considera ultrapassados, mas na qual repõe princípios de uma moral efetiva com os quais se identifica. Se tece contundentes invectivas contra o catolicismo conservador (em especial, contra os colégios de freiras, como veremos adiante), não deixa de comungar com os valores mais íntimos da moral patriarcal, especialmente no que tange ao comportamento feminino.

Em alguns bosquejos, discutiremos algumas breves considerações sobre o citado romance, não deixando de recomendá-lo à leitura. Ressalvamos desde já que,

³ Um detalhado estudo sobre o autor e seu mais famoso romance, pode ser encontrado em LIMA, Fátima Maria Batista de. *Um Olhar sobre a Cidade n'A Emparedada da Rua Nova de Carneiro Vilela*. Recife: Dissertação de Mestrado em Teoria da Literatura UFPE, 2005. Veja-se a participação do autor na questão religiosa que sacudiu o Império, em particular às pp. 34-37.

⁴ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. pg. 237.

⁵ Um rico estudo sobre essas transformações em Recife pode ser encontrado em ARRAIS, Raimundo. *O Pântano e o Riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004.

certamente, esse livro apresenta uma rica pletora de situações, que vão bem além do âmbito desse artigo e nos limitaremos a apontar alguns elementos, ao nosso entender, importantes para os estudos de história social e cultural. Apresentaremos os aspectos gerais da obra e, em seguida, destacaremos alguns aspectos à consideração.

A obra apresenta três partes, sendo a primeira, *O Cadáver de Suaçuna*, um envolvente caso policial sobre um cadáver que teria aparecido em 1864, ano central da ação, em algumas capoeiras isoladas no Engenho Suaçuna, na então distante cidade de Jaboatão. O deslindamento da origem do misterioso cadáver levaria ao âmago da família Favais, que estaria vivendo uma profunda crise de relacionamento entre os seus integrantes, o já citado comerciante Jaime, sua esposa Josefina e sua filha Clotilde, além do sobrinho de Jaime, o caixeiro João Paulo, pretendente à mão de Josefina. A partir do desdobramento das ações dos referidos familiares, outros personagens, seja do mundo da aristocracia local, seja dos grupos mais desfavorecidos daquela sociedade, se viam envolvidos no drama.

As relações entre os problemas dos Favais e o cadáver de Suaçuna se tornaram claras na segunda parte, *O Segredo de Família*, quando o rico negociante descobriu o romance adúltero de sua esposa Josefina com um indivíduo baiano de vida aventureira, chamado Leandro Dantas e contratou dois indivíduos do submundo recifense para assassinar o rapaz. As coisas se tornaram ainda mais turvas com o romance paralelo que Leandro vivia com Celeste Cavalcanti, filha de um antigo dono de Engenho e esposa de Tomé Cavalcanti, membro de tradicional família pernambucana *que descende diretamente daqueles heróis, que, há dois séculos, ajudaram a consumir-se o erro político da restauração de Pernambuco do poder holandeses* (p. 225). Simultaneamente, ainda para tornar o caso ainda mais nebuloso, a jovem Clotilde se apaixonou secretamente pelo Don Juan e passou a viver um caso amoroso com o mesmo.

No *Epílogo: as vítimas do amor*, as ações se tornaram ainda mais vertiginosas e as relações entre os personagens mais acrimoniosas, culminando com a descoberta, por parte de Josefina e Clotilde, do assassinato perpetrado a mando de Jaime e este, por sua vez, da gravidez da filha. Josefina enlouquece e Jaime obriga Clotilde a casar com o primo, a fim de abafar o caso entre as paredes do sobrado. Ante a obstinada recusa de Clotilde, que odiava o primo, um consumado caça-dotes, Jaime resolve adotar a saída extrema do emparedamento da filha em um velho banheiro entulhado na construção.

Na construção da obra, os personagens aparecem prisioneiros e vítimas das suas paixões, dilacerados entre as necessidades exteriores de decoro social, que implica em comportamentos civilizados, e no forte apelo dos instintos de lubricidade quase animais, que os leva às mais diversas perversões e taras, imperando um clima quase de permanente farsa e hipocrisia que domina as relações sociais. Suas motivações são descritas através de um forte perfil psicológico, no qual não faltam descrições de teor cientificista, tão em voga à época. O uso abundante do jogo de ironias é traço inconfundível da obra.

Jaime Favais seguira o caminho de muitos negociantes portugueses arribados ao Brasil e que, através de proteção familiar, se alçaram a uma condição privilegiada. No caso de Jaime, seu tio e futuro sogro, Antônio Braga, era um taberneiro que

trouxera o sobrinho pobre do Reino, a fim de ajudá-lo. Logo chegando, o ativo rapaz contribuiu para o rápido progresso dos negócios do tio. *A fortuna do tio multiplicava-se a olhos vistos e o honrado taberneiro – todos são honrados enquanto não se prova o contrário – bem reconhecia que semelhante resultado era devido ao gênio inventivo e essencialmente multiplicador do sobrinho* (p. 38). O *ladino portuguêsinho* descobrira *uma nova aritmética que aplicava rigorosa e proporcionalmente a todos os trocos, e um novo sistema de pesos e medidas, o qual, se diminuía o volume e a quantidade dos artigos vendidos, tinha em compensação a vantagem de aumentar a receita da gaveta e de assegurar um saldo extraordinário no balanço final da mercadoria* (p. 38). O honrado taberneiro acabara por se tornar um próspero capitalista e Comendador e seu sobrinho e genro – *os portugueses sempre tiveram grande apego à família* (p. 40) –, também Comendador, abriu negócio próprio, ligado ao grande comércio, trazendo anos mais tarde o seu sobrinho João Paulo Favais, para fazer o mesmo périplo do tio. Em seu trajeto de ascensão econômica e social, não deixava Jaime de acalentar a expectativa, talvez, de um título de Barão, que tão bem coroaria seus esforços⁶.

Dotado do que Sérgio Buarque de Holanda tão bem definiu como “realismo pedestre dos lusitanos”, o comendador Favais era homem prático, que tinha firme atenção aos seus negócios, e que não hesitava em recorrer aos expedientes necessários para preservar sua posição e sua honradez, tal como quando encomendou o assassinato de Leandro, deu o dinheiro ao seu sicário, *não sem exalar desta vez um suspiro, arrancado do mais profundo das entranhas. É que o dinheiro é sangue* (p. 147). No entanto, com todo cálculo, no exato momento em que descobriu a traição da esposa, deixou aflorar sua verdadeira natureza, *vinham do fundo à flor d’água todas as impurezas daquela índole mal educada e mal dirigida, todas as fezes daquela alma, fezes e impurezas que jaziam acumuladas de há muito, e que haviam adormecido apenas sob a calma aparente do viver tranqüilo e feliz do negociante* (p. 380). Essa natureza – digamos – bestial, iria levá-lo a urdir um tortuoso plano para eliminar o algoz de sua honra do mundo dos vivos.

Josefina Favais sua prima e esposa – *brasileira, muito brasileira mesmo. Nascera imbuída desses preconceitos aristocraticamente orgulhosos, que formam o fundo do nosso caráter e fazem com que julguemos certos meios de vida pouco dignos de nós, – abaixo da nossa prosápia* (p. 40), lembrava bem de perto a advertência do mesmo Sérgio Buarque de Holanda sobre o brasileiro barão que, por sua vez, tinha ressonância em passagens de Brandônio e Luís dos Santos Vilhena⁷. Fora educada cheia de preconceitos e presunções de fidalguia, agravadas pelo

⁶ As trajetórias de imigrantes portugueses que se elevavam da condição de caixeiros, à de vendedores e a comerciantes de grosso trato, chegando até a aspirar a nobilitação está em MARTINHO, Lenira Menezes e GORENSTEIN, Riva. *Negociantes e caixeiros na sociedade da Independência*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1993. Uma visão humorística da percepção que havia sobre os caixeiros portugueses, está na peça *O Caixeiro da Taverna* (1847), de Martins Pena. Essa situação dos portugueses no comércio, não poucas vezes, suscitou movimentos anti-lusitanos, os *mata-marinho*, que Carneiro Vilela apresenta em passagem do livro.

⁷ Adiante discutiremos as referidas passagens de Brandônio e Vilhena. As considerações sobre o ideal de nobilitação do brasileiro em Sérgio Buarque de Holanda estão em várias passagens do seu clássico *Raízes do Brasil*.

que Carneiro Vilela denomina a *Moral dos Colégios* (p. 294), tema ao qual voltaremos adiante. Ela, que se mantivera nos primeiros anos de casamento austera e relativamente reclusa no âmbito doméstico, ao retomar as antigas relações de amizade dos tempos de Colégio com Celeste, e passar a freqüentar o mundo elegante, conheceu Leandro e deixou despertar a sua *natureza ardente e impetuosa... esquecer-se que era mãe... Aparecesse, porém, a ocasião e do invólucro daquele coração mal educado, em cujo fundo dormitavam esquecidos todos os vícios aprendidos e adquiridos no colégio e todas as corrupções insinuadas nos confessionários – irromperiam, em lavas ardentes e impetuosas, a paixão e a luxúria, a sede do gozo e todo o seu cortejo de inconveniências e horrores* (p. 295). Essa prisão a uma avassaladora prisão foi causa de sua perdição no romance.

Clotilde Favais, filha do casal (havia um filho que morava em Portugal e não aparece no romance), recebera igual educação com freiras, apresentadas pelo autor como *corvos do fanatismo e da hipocrisia* (p. 43); sua inteligência fora sufocada por perniciosos sermões jesuíticos numa *atmosfera de hipocrisia e beatério* (p. 45). Sua natureza indomável lhe dava um *coração capaz de todas as virtudes e todos os vícios* (p. 45) e um desmedido orgulho. Ao perceber que o primo João Paulo a desejava muito mais pelo dote do que pelo amor, passou a nutrir um ódio tenaz pelo pretendente, que tinha apoio de seu pai. Em certo trecho do romance, falsamente convencida que João Paulo segredara a Jaime a paixão dela por Leandro, aumentara a intensidade da paixão por esse último, pois *onde há contrariedade há persistência, pelo menos na mulher* (p. 304). Seu *“temperamento feroso”* (p. 336) seria a causa de sua avassaladora paixão e de seu trágico fim, decretado pelo código de uma moral persistentemente patriarcal, que levava Jaime Favais ao horroroso ato de emparedar a sua filha viva.

João Paulo Favais, sobrinho caixeiro de Jaime. Odiado pela prima e pela tia. Malicioso, era dotado de *“natureza interesseira e vingativa”* (p. 90) e possuía um apurado *“instinto de caçador de dotes”* (p. 300). Sua pertinácia em aspirar ardentemente a mão da prima que lhe odiava, devia-se a essa natureza interesseira, que desejava a todo custo obter a fortuna do tio, bem como a necessidade de vingar-se da prima, obrigando-a a casar-se consigo, mesmo que como castigo. Ao longo do romance, João Paulo perscrutou e esquadrinhou todos os passos dos familiares, a fim de se apoderar de algum segredo que lhe viesse a servir de trunfo para chantagear os parentes, caso tivesse necessidade de tal. Nada o contentaria até conseguir atender sua profunda ambição, pois o *egoísta não admite que cousa alguma se dê fora da medida de seus desejos* (p. 91).

Celeste, grande amiga de Josefina dos tempos da mesma *“estrumeira moral”* do colégio (p. 224), era filha de dono de engenho no Paudalho. Esse levava uma vida dissoluta e fizera um casamento desigual com a filha de um lavrador que levava Celeste a apresentar resquícios de sangue africano (p. 109) – que lhe conferia temperamento ardentíssimo de cortesã – e que era agravado por uma educação permissiva, na qual *a única regra de conduta era a sua vontade, a única lei que obedecia a do capricho. Loureira por natureza e por índole, tendo a sua curiosidade inata no coração feminino... tornou-se a namorada de todos os rapazes da redondeza e tão longe levava as condescendências do seu espírito e a prostituição sentimental*

do seu coração (p. 224). Através da vida desregrada de Celeste e da incontinência de seu marido Cavalcanti, se insinuou o sedutor Leandro, que acabou se tornando o pivô de todas as desgraças que se precipitaram.

Leandro era um jovem baiano de índole aventureira e sua eloqüente descrição por Carneiro Vilela tornam desnecessárias maiores considerações o seu *todo – cabeça e corpo – poderia servir de modelo e de espécime da raça verdadeiramente brasileira, – dessa raça nova e única que é o produto etnográfico das três outras, que povoaram o nosso solo: a raça européia, a tupi e a africana. Ao vê-lo, conhecia-se logo que girava em suas veias o sangue dessas três raças e que nele se fundiam as três naturezas correspondentes. Devia ter a inteligência do europeu, a indolência do americano, e a impetuosidade dos filhos dos desertos da África* (p. 238). Era o que poderíamos chamar, modernamente, de uma espécie de alpinista social, *um desses muitos indivíduos, que pululam na nossa sociedade sem se saber ao certo quem sejam, de onde venham e para onde vão* (p. 246). Era esse Macunaíma baiano-pernambucano que arrastaria as três mulheres para o opróbrio e desgraça e a si próprio para a morte nas mãos de um marido vingativo e seus cúmplices.

Um aspecto notável do livro era o ambiente retratado pelo autor, de uma promiscuidade social que se estabelecia entre os cidadãos proeminentes e aparentemente íntegros e as pessoas de baixa extração social, quando as conveniências ou os interesses assim ditavam, ou como diria Carneiro Vilela *se a posição social separa e abre entre alguns homens largo abismo, ações e segredos existem que nivelam as condições mais heterogêneas e amarram aqueles indivíduos num só amplexo e com os laços de um interesse comum: o crime por exemplo* (p. 123). Assim, aparecem, ao longo do romance, uma série de outros personagens secundários, que habitavam o fundo da hierarquia social e que pertenciam *última camada social, – à vasa, à lama pútrida aonde nunca chega um raio de sol* (p. 78).

Esses mesmos personagens, escravos, portugueses pobres, mestiços de todas condições, perfaziam a arráia-miúda, a rafaméia, tão ao gosto do linguajar da época. Essa mesma massa aparentemente indistinta, de onde emergia, vez por outra, algum indivíduo que mais adiante iria assumir ares de fidalguia e dedicar-se a eliminar cuidadosamente, de sua história pessoal ou de sua genealogia, esses traços incômodos, tal como entrevisto por Brandônio ainda no início do século XVII: *esses povoadores, que primeiramente vieram a povoar o Brasil, a poucos lanços, pela largueza da terra, deram em ser ricos, e com a riqueza foram logo largando de si a ruim natureza, de que as necessidades e pobreza que padeciam no Reino os fazia usar. E os filhos dos tais, já entronizados com a mesma riqueza e governo da terra, despiram a pele velha, como cobra, usando em tudo de honradíssimos termos, com se ajuntar a isto o haverem vindo depois a este Estado muitos homens nobilíssimos e fidalgos, os quais casaram nele e se liaram em parentesco com os da terra, em forma que se há feito entre todos uma mistura de sangue assaz nobre*⁸. Quase dois séculos depois, na Bahia, Luís dos Santos Vilhena observaria, com inegável dose de despeito e preconceito, esse mesmo processo: *vemos a qualidade de gente com que no princípio se começou a povoar esta vasta região ... Outros há que tendo seus*

⁸ BRANDÔNIO, Ambrósio Fernandes. *Diálogos das Grandezas do Brasil*. 3.ed. integral. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 1997. p. 106-107.

*pais vindo não há muitos anos para o Brasil, para serem caixeiros, quando tivessem capacidade para o ser; porque a fortuna lhes foi propícia, e juntaram grandes cabedais, cuidam seus filhos, que o imperador da China é indigno de ser seu criado. Outros porém há que se preocuparam da mania de ser nobres, antes que tivessem com que ostentar essa quimérica nobreza, e se chegaram a ter alguma coisa de seu, tanto se carregam dos apelidos de muitas famílias ilustres da corte, e tanto se empavonam com esta imaginação, que têm para si que um duque é nada à sua vista.*⁹

O que procuram esses personagens, ao longo d'*A Emparedada*, é alguma fresta de ascensão social numa sociedade extremamente hierarquizada e refratária, mas ao mesmo tempo – e contraditoriamente – permeável ao poder do dinheiro. No romance, não há pruridos a qualquer tipo de ação que tenha em mira o enriquecimento e a conseqüente limpeza das eventuais manchas que isso implicava ou, pelo menos, a busca dos favores e a proteção de algum poderoso que se dispusesse a lhes garantir algumas vantagens em função de cumplicidades para eventuais atividades que escorregassem para a zona de sombras abaixo do mundo legal e permitido. Era o império da permissividade, forma extremamente brutal de revelar uma sociedade marcada pelo autoritarismo de fundo resultante da escravidão secular que a dominava. Jaime Favais, na sua sede de vingança, atravessou essa tênue fronteira e se juntou aos indivíduos que teriam lhe repugnado, em outras circunstâncias.

“INDIVÍDUOS QUE NÃO TÊM OFÍCIO NEM BENEFÍCIO” (32)

Dois personagens aparecem sem nome em algumas breves e estratégicas passagens ao longo do romance, quando eram colocados na condição de fiéis cúmplices ou testemunhas mudas dos atos de seus senhores, com a espera de algum tipo de ganho, visando garantir seu *instinto* de sobrevivência: eram a escrava doméstica dos Favais e o moleque de recados da casa. A escrava, que se imiscuía discretamente na vida de suas senhoras, era a guardiã de pequenos segredos e usava essa condição para obter quaisquer favores. Numa cena de conversação secreta após conflito familiar, estando de guarda à porta, advertiu a Josefina e Clotilde – *Aí vem meu senhor! – observou rapidamente a preta, que, por um instinto natural, se pusera de alcatéia junto à porta.* (p. 59). Mais adiante, essa mesma escrava tornou-se a única confidente de Clotilde em relação à sua paixão proibida por Leandro (p. 330-31). O moleque de recados também aparece sutilmente em momentos nos quais os personagens precisavam recorrer a terceiros, de forma discreta, sem conhecimento alheio, mas também poderia cometer alguma inconfidência ou deixar interceptar correspondência. Se algo arrebentasse, seriam as vítimas mais frágeis na longa corrente de sujeição social. Ao final da trama, quando decidira-se a cometer o crime contra a filha, Jaime *chamando a escrava e o moleque, mandou-os que reunissem sua roupa, e nesse mesmo dia, sem que em nada lhes valessem as súplicas e as lágrimas, foram eles, o moleque e a escrava, levados para a casa de um desses miseráveis que traficam com a carne viva e sangue dos seus semelhantes, com ordem expressa de serem no primeiro vapor embarcados para o sul, onde seriam vendidos para o interior fosse porque preço fosse. Com efeito, assim se fez e desta forma descartou-se o negociante de duas testemunhas que, se ficassem na cidade*

⁹ VILHENA, Luís dos Santos. *A Bahia no Século XVIII* (Recopilação de Notícias Soteropolitanas e Brasília). 3 v. Salvador: Itapuã, 1969. v. I. p. 51-52.

ou mesmo na província, poderiam se tornar perigosas (p. 542)

Em meio à “turba perigosa” que habitava as ruas e que estava envolvida nas fronteiras entre o mundo legal e o da vida mais ou menos ilegal ou informal, estavam indivíduos de toda a espécie, portugueses pobres, libertos, mestiços, gente que se dedicava a todos os misteres e que tinham como objetivo comum ganharem a vida e, se possível, ascenderem socialmente¹⁰. Em meio a essa ordem, estavam diversos personagens da obra, como Hermínio, mais conhecido como Zanolho ou Dr. Pigarro, pelas habilidades que tinha em se fingir de vesgo ou arrumar um insistente pigarro quando se via em situações embaraçosas. Era o tipo de sujeito que se poderia dizer que vivia dos mais diversos expedientes, alguns legais, outros não, para defender o seu ganho. Fazia às vezes de espião da polícia (informante) e poderia até se confundir com a súcia de bandidos locais como os das célebres Companhias do Tiro e do Olho Vivo, que agitavam o Recife da época, de acordo com informações de Carneiro Vilela. Segundo o autor: *vive de tudo e de todos: é capaz de representar todos os papéis, até mesmo o de homem de bem, contanto que a cousa lhe renda. Tem exercido todos os misteres* (p. 82). A ele se juntou outro indivíduo que vivia de tropelias, um valentão chamado Bernardino de Barros, cuja alcunha era Bigode de Arame, e ambos acabaram se associando a Jaime Favais para consumarem a complexa tramóia que culminou com o assassinato de Leandro. Após a descoberta do cadáver desfigurado no Engenho Suaçuna, os três voltaram a se reunir, desta feita para iludir a Polícia e forjar uma identidade falsa – de um suposto aventureiro *polaco*, que teria vivido por alguns meses no Recife e teria se suicidado por causa de uma decepção – para o misterioso defunto. Adiante, voltaremos à questão do inquérito policial e dos expedientes usados para abafar o caso.

Os planos de Favais para encobrir a identidade do cadáver só não foram totalmente bem sucedidos porque um amigo de João Favais, ao seu mando, seguira Jaime e seus cúmplices a Jaboatão e descobrira a identidade do assassinado. Era Fortunato Dias, o conhecido Jereba, um conhecido pândego local “*de boa origem*” (p. 84), “*o homem de raça e de família*” (p. 86), que pertencera a uma família de posses, mas que vivera a experiência do empobrecimento. O Jereba a quase todos conhecia e por quase todos era conhecido e vivia de pequenos serviços, além da jogatina e dos pequenos golpes, dos quais era adepto. Ao final da trama, após revelar o segredo de Jaime para seu sobrinho, não hesitou em promover grossa chantagem ao negociante, que teve de lhe ceder uma boa soma de dinheiro, para que ele se retirasse de Recife para o Pará, onde esperava tomar novo rumo na sua vida.

A família de Leandro, que tinha mudado da Bahia para Pernambuco e vivia em um sobrado na Rua dos Martírios, pertencentes ao jovem, e seu círculo mais próximo mereciam mais que uma consideração à parte. Sua mãe, Carolina Dantas, a conhecida Calu, era filha de uma mulata baiana e vivia num mundo intermediário entre a prostituição e a condição de amásia de um vendilhão português, seu Antônio, homem dado às mais astutas formas de velhacaria para aumentar seus cobres. Completavam o quadro familiar a jovem Maria Dantas (Marocas), irmã de Leandro,

¹⁰ Nas duas últimas décadas, diversas pesquisas têm se dedicado a essas “classes perigosas” urbanas e de temas correlatos. Veja-se CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986, e BRETAS, Marcos Luiz. *A Guerra das Ruas: povo e polícia na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

e seu Manuel, outro vendilhão luso que vivia com a jovem. O sobrado, na verdade dois, foram resultado de uma chantagem que Calu fizera a um outro comerciante português, suposto pai de Leandro, que havia passado os dois imóveis para o nome do filho, com a condição de ser evitado um escândalo. Um dos imóveis servia de moradia à família e outro gerava uma renda que Leandro passou às mãos de Marocas em determinada ocasião. Leandro e a família mantinham um acordo tácito de não assumirem o parentesco, como forma de possibilitar ao rapaz se imiscuir nas altas esferas sociais.

Um engenhoso sistema de exploração mútua entre dona Calu e seus filhos e os vendilhões portugueses dava o tom do convívio familiar. Em troca de empréstimos em dinheiro vivo aos portugueses, para as suas despesas em roupas, perfumes e o que mais se pudesse usar para transmitir uma imagem de elegância e distinção ou outras quaisquer necessidades, *explorando a burra do português e transformando os gêneros de seu armazém em luvas de pelica e botina Miliés* (p. 274), Leandro passava letras de empréstimo para os vendeiros, que esperavam apossar-se dos imóveis em ocasião vindoura, assim *ambas as partes estavam satisfeitas: uma porque provia a uma necessidade momentânea, do presente, e outra porque previa um bom negócio – um ótimo negócio – no futuro!* (p. 354).

Ao final, Calu – cujo fim já adiantamos – e Marocas *tiveram o fim racional e lógico, que espera todas as que tem uma vida semelhante ou equivalente* (p. 553). Seu Manuel e seu Antônio *ambos portugueses, ambos taverneiros, encarregaram-se de liquidar a hipoteca de Leandro e a pequena fortuna de sua irmã* (p. 553). Marocas, consumida por uma vida de prostituição, *descera essa escala fatal e atraente, cujo último degrau vai mergulhar-se nas imundícies aniquiladoras da sífilis e na escuridão moral dos hospitais, entre a falta de caridade do médico materialista e ignorante, e a estúpida carolice da Irmã de Caridade* (p. 554). Isso tudo não aconteceu sem que – bem antes desse inglório desfecho – o quarteto tivesse embolsado vários cobres de Celeste e outras importantes damas da alta sociedade local, que, imprudentemente, escreveram cartas românticas a Leandro e que ele pusera sob guarda da família, para usá-las devidamente, caso fosse necessário no futuro.

Outra chusma de personagens aparece ao longo da obra, sempre enredados nessa teia de relações que cria uma promiscuidade social, encoberta por um tênue véu que mal encobria as ações dos personagens. Mesmo entre os integrantes dessa *última camada social*, certas relações de hierarquia e mando se reproduziam em pequena escala. Quando o Jereba foi a Jaboatão obter informações das ações de Jaime Favais e seus cúmplices, dirigiu-se para dois matutos que tinham ajudado a exumar o cadáver, em tom de mando, uma vez que os matutos *altivos e insolentes para com os pequenos e os desconhecidos, são humildes, submissos, rasteiros com os grandes ou simplesmente com quem julgam tal* (p. 156). A família de Leandro, mesmo vivendo em condições de relativa modéstia, possui uma escrava, Luzia, que é maltratada constantemente por Calu e que se entrega aos braços de Leandro em suas raras e fugazes visitas ao “lar materno”.

Assim, n’*A Emparedada da Rua Nova*, mesmo com as posturas morais pessoais de Carneiro Vilela, que transparecem ao longo da obra – seu senso de pundonor, de recato feminino, de hierarquia, de boa sociedade, de atavismos raciais – o que

acaba se tornando absorvente é a necessidade que cada um tem de suplantar os demais, numa espécie de darwinismo social, que joga uns personagens uns contra os outros e os une momentaneamente por interesses bastante pessoais. Algumas dessas questões merecem breves pinceladas, que podem suscitar diversas outras possibilidades de leitura da obra.

“REFERVER-LHE O SANGUE AFRICANO” (P. 227)

Entre diversas outras, a questão racial ou das origens de nossa colonização, e mais ainda, a mestiçagem, parecem elementos decisivos no entendimento de boa parte das ações dos personagens d’*A Emparedada*. No contexto de formação de uma *identidade nacional* e de uma intelectualidade brasileira, entre a construção do Estado Imperial e as primeiras décadas da República, essa questão racial absorveu boa parte das discussões sobre a viabilidade do Brasil enquanto Nação Civilizada, repercutindo nas ciências e nas artes, além da escrita da História¹¹. Carneiro Vilela, como intelectual atuante e imbuído de princípios de ciência de civilização, não deixou de revelar essa profunda inquietação ao longo do livro. Não deixa de ser ilustrativo quando se referiu à antiga família de Tomé Cavalcanti e ao “erro da restauração”, como se atribuísse à colonização lusa boa parte dos males que afligiam o Brasil e Pernambuco.

Dessa forma, os personagens são agredidos pelos seus atavismos de raça, de condição sexual ou social e por uma educação que não consegue alçar-lhes para um patamar superior a essas suas inclinações e lhes abrir as portas da civilização. Assim, Josefina Favais, como toda mulher “*é naturalmente compassiva*” (p. 306) e possui a “*curiosidade inata do coração da mulher*” (p. 313), que se desregra devido ao “*triste e estúpido resultado de uma educação colegial*” (p.295). Celeste Cavalcanti, por sua vez, quando descobriu as delícias de uma vida social intensa *sentira referver-lhe nas veias o sangue africano, reviverem-lhe no coração as insinuações do seu confessor colegial, soprar-lhe no espírito o demônio da vaidade e começou a dar expansão à sua natureza, que nunca fora domada e à sua educação que o estado de casada e o respeito do marido nunca puderam corrigir... a namoradeira do engenho se transformara em cortesã do salão* (p. 227).

Comerciantes, Jaime e João Paulo Favais se entendiam perfeitamente como homens de senso prático burguês e, ante a indesejada gravidez de Clotilde, elaboram um plano de salvação das aparências, com um casamento entre os primos e uma “eventual” morte da criança que estava por nascer. João Paulo aproveita para achacar o tio com um pedido de dote bem acima do que aspirava inicialmente. Um acordo tácito entre ambos foi selado nesse sentido, pois, *sem que positivamente comunicassem entre si os pensamentos, aqueles dois se entendiam à léguas. Desde o princípio que caminhavam ambos para o mesmo terreno e para o fim a que tinham chegado agora, e parecendo que cada um quisesse iludir o outro* (p. 537). No outro lado da escala social, mas na mesma condição de taberneiros vindos de Portugal, Seu

¹¹ A título de breve referência, diversas obras têm tratado dessas questões da formação do conceito de identidade nacional e questão racial. Entre a profusão de obras, citaremos apenas SCHWARCZ, Lília Moritz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, e HEIZER, Alda e VIDEIRA, Antônio A. Passos (orgs.). *Ciência, Civilização e Império nos Trópicos*. Rio de Janeiro: Access, 2001.

Antônio e seu Manuel se entendiam perfeitamente no ofício de sugarem lentamente os bens de Calu e seus filhos.

Mesmo os membros das importantes famílias locais não escapavam à sina desses impulsos, quer seja pelas antigas mestiçagens convenientemente escondidas nos desvãos da genealogia, quer pela íntima convivência com a escravidão e suas mazelas decorrentes. A família do pai de Celeste Cavalcanti – e mesmo a distinta família do seu marido – apresentavam exemplos eloqüentes dessas desditas. O pai de Celeste casara já aos quarenta anos com uma filha mais velha de um seu lavrador e desse consórcio desigual tivera Celeste e dois rapazes. Entretanto, seguindo o exemplo da maior parte dos seus colegas, que se arrogavam então e ainda hoje se arrogam sobre a fábrica um direito de vida e de morte, fizera do seu lar um serralho e de cada escrava moça e bonita uma concubina. Se eram três os seus filhos legítimos, os bastardos, aliás conservados na escravidão, avultavam de uma maneira extraordinária. (p. 222).

A descrição de Leandro, que transcrevemos anteriormente, parece sintetizar perfeitamente essa percepção que se estabelece entre os impulsos derivados da condição racial e social e as possíveis profilaxias que, através de uma educação adequada, serviriam para corrigi-los. A educação baseada nos princípios mais caros da civilização, nesse caso, aparece como a verdadeira forma de correção dessas mazelas sociais. O que se torna bastante transparente com a situação do filho de Jaime, Manuel Favais, comparada à de sua irmã: *julgando insuficientes os estabelecimentos de instrução disseminados abundantemente pelo Recife, apenas o filho completou os dez anos, mandou-o para a Europa; e a filha, antes mesmo desta idade, meteu-a... no colégio das Irmãs de Caridade, situado na rua do Hospício. Tanto escrúpulo na educação masculina e tão pouco na educação feminina!* (p. 42-43).

“A MORAL DOS COLÉGIOS” (P. 294)

Carneiro Vilela envolvera-se ativamente, na década de 1870, com a questão religiosa que sacudira o Império. Daqueles embates de décadas antes, ficou marcada a virulência da linguagem que empregava contra o catolicismo conservador, visto como uma força de atraso, que impedia o avanço da ciência e da civilização. Em seu estudo já mencionado, Fátima Lima destaca a existência desse anticlericalismo militante em inúmeros jornais e panfletos satíricos que atacavam sem peias o “jesuitismo” e as “carolices” da sociedade imperial e pernambucana. Como exemplo eloqüente disso, lembramos o jornal humorístico *O Cabrião*¹², de Ângelo Agostini, que circulou em São Paulo na década de 1860, e que desfechava ataques violentos e mordazes contra o jesuitismo, que, segundo o ilustre jornalista, significava um atraso ao progresso daquela Província.

Assim, Carneiro Vilela não poupa impropérios contra esse clero e suas diversas expressões. As escolas religiosas, principalmente, ministram “*lições práticas de hipocrisia*” (p. 46). Os ataques e vituperações se sucedem, como já vimos em relação aos destinos de Calu e de Marocas. Volta e meia, o autor bate com força na tecla do tipo de educação feminina que é adotada nas escolas de freiras e dos males que essa produz para a sociedade: *Para o homem abriam-se todas as válvulas da civilização,*

¹² AGOSTINI, Ângelo. *O Cabrião*. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial/Ed. Unesp, 2000.

franqueavam-se todos os caminhos da ciência, preparavam-lhe um futuro cheio de conhecimentos úteis, progressivos e portanto garantidos das mais altas virtudes. Para a mulher, porém – para a futura mãe de família, para a verdadeira base da sociedade moderna, – estreitavam-se os horizontes intelectuais e morais, proibiam-lhe a liberdade de pensar e de sentir, entregavam-lhe aos corvos do fanatismo e da hipocrisia, asfixiavam-lhe o coração, envenenavam-lhe o espírito e, em vez de procurarem formar uma esposa e mãe com todas as aptidões para procriar cidadãos e homens de espírito, preparavam uma beata inútil e estúpida, apta apenas para dissertar sobre as problemáticas virtudes do rosário ou para engolar ladainhas depois de indigestos e perniciosos sermões jesuíticos (p. 43).

Seria ocioso nos alongarmos nas repetidas citações de trechos de tal teor ou até mais violentos, mas eles aparecem miudamente ao longo da alentada obra e são um de seus traços mais marcantes. Para Carneiro Vilela, uma educação baseada nos novos princípios da ciência, representava a possibilidade de alcançar uma condição civilizada, e a educação ministrada em escolas católicas era o símbolo do obscurantismo que ele se propunha a combater de forma obstinada.

Ainda sobre essa virulenta e mordaz linguagem anticlerical, o autor não perdeu a oportunidade de usá-la no desfecho do livro: após Jaime haver retornado a Pernambuco depois de vários anos vividos na Europa, já viúvo, sem boa parcela da fortuna amealhada – montante considerável de seu patrimônio havia sido oportunamente surrupiado pelo seu sobrinho-cúmplice e sócio João Paulo – e tendo levado uma vida *pródiga e desbragada* em Paris, Carneiro Vilela o apresentava de forma lapidar: *Ainda hoje existe esse miserável e, não há muito tempo, figurava o seu verdadeiro nome entre os membros da Sociedade Católica. Acabou justamente onde devia acabar (p. 555).*

“INQUÉRITOS QUE NÃO ME RENDEM NADA” (P. 145)

Outro aspecto que aparece na obra e que merece alguma consideração, é a frágil presença da autoridade pública na regulação da vida civil. Carneiro Vilela, que desempenhara diversos postos na magistratura, tinha importantes críticas aos desmandos e à incompetência de autoridades, especialmente da Polícia. No capítulo XIX, *“Justiça da Roça”*, no qual se desenvolvem as tramóias de Jaime, Zorlho e Bigode de Arame para encobrirem a identidade do cadáver e a autoria do crime, o delegado de polícia de Jaboatão acaba se rendendo aos tortuosos argumentos do comerciante recifense e de seus acólitos, porque estava incomodado com a bulha que tinha se criado em torno do caso e reclama que *tinha de deixar todos os dias a minha lavoura, os meus trabalhos, os meus cômodos, para me ocupar com esses inqueritos que não me rendem nada, ou só me rendem intrigas e inimizades. Nada! Ainda se no fim a gente se deparasse com algum gabiru rabudo e pudesse por esse meio machucar um adversário político... ainda vá (p. 145)*. Assim, fica confirmado o antigo princípio de que *“para os amigos as benesses do governo e para os inimigos os rigores da lei”*.

O inquerito é todo ele cheio de vícios e os “Peritos leigos” (p. 135) acabam *“assinando com cruz”* (p. 136). A curiosa figura do escrivão é a do típico comensal, um indivíduo que se alegra em aproveitar para filar um jantar que o delegado

oferecera a Jaime Favais para passar à tripa forra, pois *saber aproveitar-se das ocasiões e locupletar-se com o suor e com a mesa dos outros, tal é a ciência principal do parasita, a qual se completa com o conhecimento exato do momento, por assim dizer psicológico, em que possa ou deva se afastar. O habituar-se um indivíduo a viver à custa alheia, sem trabalho próprio, sem préstimo algum, é uma cousa tão vulgar entre nós... Também a sua questão não era de pessoa, era de cargo. Qualquer que fosse a autoridade... o nosso escrivão... lá estava à sua mesa em sua casa como um traste indispensável... e, ao final da ceia, o velho patusco... se julgou na rigorosa obrigação de alegrar a companhia... com as suas facécias e jocosidades, recurso aliás de que lança mão todo parasita que julga ser esse o melhor meio de agradecer e de pagar pelo que consome* (p. 149-150). Mais adiante, o escrivão pagou a sua fidelidade, elaborando uma verdadeira peça escrita na conclusão do inquérito, que muito bem convinha ao delegado e ao comerciante recifense.

Num episódio festivo e decisivo na trama, uma festa de hasteamento da bandeira de N. Sr^a da Saúde, no Poço da Panela, em 22 de Janeiro de 1864, na qual estavam presentes quase todos os personagens, aconteceu uma briga generalizada que culminou com os gritos de “*Mata marinho*”, que era a senha para desatar os embates da patulúia contra os portugueses, em função das rivalidades envolvidas no controle do comércio de retalho¹³. Assim, para restabelecer a ordem, a *polícia havia acudido ao conflito, e procedia segundo as suas tradições e costume: isto é, espancava e prendia: restabelecia a paz, a tranqüilidade e a ordem, continuando a guerra e promovendo por sua vez a desordem e o tumulto* (p. 370).

Por fim, vale ainda salientar que o cadáver de Leandro continha uma carta comprometedora, a ele enviada por Josefina e que foi encontrada pela polícia, chegando às mãos do Chefe de Polícia em Recife. A autoridade, então, convocou o Comendador Antônio Braga, sogro de Jaime, para uma conversa sigilosa e, de comum acordo, ambos resolveram destruir a carta e eliminar uma comprometedora prova do envolvimento do importante comerciante no assassinato do misterioso cadáver de Suaçuna. Estava evitado o escândalo e acobertado o caso, ficando para a referida autoridade, caso fosse necessária, a dívida de gratidão do velho capitalista.

“VIVEIRO DE CAPANGAS” (P. 390) E OUTROS LUGARES DA CIDADE.

Um traço importante do romance, sem o qual não poderíamos finalizar nossas considerações, é a presença dos diversos lugares da cidade. Desde já ressaltamos que um romance como esse comporta muitas e diversas leituras e merece maior atenção do que recebeu até o momento, passado um século do início de sua publicação.

Ao longo das suas páginas, aparecem as mais diversas localidades, muitas das quais deglutidas pela voragem da explosão urbana do Recife que, como um organismo voraz, digere tudo ao seu redor. A Rua Nova, na qual se situava a Casa-loja dos Favais e a Rua da Aurora, lugar de residência de Antônio Braga ou, ainda, a casa dos Cavalcanti, na Passagem da Madalena, eram o centro da agitação do

¹³ Esses conflitos entre parte da população mais pobre de origem brasileira e os portugueses podem ser vistos em RIBEIRO, G. S. *Mata Galegos: Os Portugueses e Os Conflitos de Trabalho Na Republica Velha*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

grande comércio e de moradias importantes, que destacavam os principais membros da elite recifense da virada do século. Também alguns arrabaldes da moda, alguns dos quais hoje absorvidos pelo crescimento urbano, como Monteiro, Poço da Panela, Casa Forte e Apipucos, serviam de lugar de veraneio para as boas famílias do lugar tomarem seus banhos e se distraírem das canseiras da vida. Nesses lugares, os bailes, os jogos e os namoros faziam parte do cotidiano dos verões e serviam de refrigério para a boa sociedade local.

Jaboatão era uma distante e pacata cidade, que Carneiro Vilela informa ficar a duas horas de viagem antes do trem (p. 126). Ou ainda Boa Viagem era paragem afastada, usada, às vezes, para banhos de mar, prática que começava a ganhar adeptos entre as classes mais altas. Alguns hábitos novos e antigos aparecem aqui e acolá misturados no convívio que a população estabelecia nos diferentes lugares. No aterro dos Afogados, uma venda no beco do Lima servia à sua freguesia a *cerveja Bass aquela tisana com que a Inglaterra envenena a humanidade* (p. 102). Em Jaboaão, um baile na casa da parteira e curandeira Sinhá Nenê era freqüentado por pessoas de mais modestas e onde, invariavelmente, aconteciam brigas, facadas e outras violências. A curandeira conseguia manter suas festas em função de amizade com as autoridades locais, que faziam vistas grossas às tropelias que aconteciam no local.

Para além dos locais de maior brilho e riqueza da urbe, situavam-se os valhacoutos, lugares de moradia e convívio da maior parte da cidade e das pessoas que viviam nas mais precárias condições de vida. O Beco das Barreiras, onde ficava a casa do Zanolho, era assim descrito por Carneiro Vilela: *uma viela estreita e lamacenta, que ia da rua do Cotovelo, hoje Visconde de Goiana, para um braço do rio Capibaribe, que serve de caminho marítimo a umas Olarias, e para uns terrenos pantanosos e alagados cobertos de mangues, que davam para os fundos do Hospital D. Pedro II. Era um lugar de má fama e de perigosíssima abordagem, onde se abarracava essa população heterogênea, formada de mulheres de soldado, de maridos de prostituta, de ladrões noturnos e de indivíduos de todas as espécies e profissões inconfessáveis... Era um viveiro de capangas, e de malfeitores* (p. 390-391). A esse local, de perigosíssima abordagem, o Comendador Favais não teve pruridos de freqüentar, quando sua necessidade de vingança o levou a atravessar a fronteira de classes e se mancomunar com o Zanolho e o Bigode de Arame para levar adiante o seu plano.

O rico comerciante e ilustre Comendador da Rua Nova e o morador do Beco das Barreiras, afinal, viviam em numa cidade moderna como tantas outras, na qual seu “segredo interno” mais íntimo, ou seja, a exploração do trabalho da grande maioria para o usufruto desigual das riquezas produzidas, fazia-se e faz-se matriz das diversas formas de violência urbana que tanto assombram, ainda hoje, seus concidadãos. Violência essa que não vem apenas de baixo para cima, mas que se plasma a partir de todas as direções e em todos os sentidos.

*“E a lama come mocambo e no mocambo tem molambo.
E o molambo já voou, caiu lá no calçamento bem no sol do meio dia.
O carro passou por cima e o molambo ficou lá.
Molambo eu, molambo tu, molambo eu, molambo tu,*

*Rios, pontes e overdrives – impressionantes esculturas de lama.
Mangue, mangue, mangue, mangue, mangue, mangue, mangue...
Molambo boa peça de pano pra se costurar mentira.
Molambo boa peça de pano pra se costurar miséria.”*

Rios, Pontes & Overdrives (Chico Science e Zero Quatro). Da Lama ao Caos, 1994.

*“A cidade não para, a cidade só cresce,
o de cima sobe e o de baixo desce”*

A Cidade (Chico Science). Da Lama ao Caos, 1994.

RESUMO

O presente artigo consiste num estudo sobre o romance “A Emparedada da Rua Nova”, de Joaquim Maria Carneiro Vilela, publicado em forma de folhetim no Jornal Pequeno, da cidade do Recife (PE), entre 1909 e 1912. Nele se procura abordar aspectos da história social daquela cidade e sociedade, num contexto de profundas transformações urbanas e suas conseqüentes implicações nos costumes locais. O choque entre os novos valores emergentes nesse processo de modernização e os ligados a algumas seculares tradições familiares locais emolduram os violentos acontecimentos que transcorrem ao longo da obra.

Palavras Chave: Recife-História; Violência; Família.

ABSTRACT

This article is a study about the romance “A Emparedada da Rua Nova”, by Joaquim Maria Carneiro Vilela, published in feuilleton format in the Jornal Pequeno (Little Newspaper), in the city of Recife (PE – Brazil), between 1909 and 1912. In this, we try to broach some aspects of the social history of that city and society, in a context of intense urban changes and this local costume implications. The clash between the new emergent values in this modernization process and those linked to some centennial local familiar traditions, frames the violent events which happen along Vilela’s work.

Keywords: Recife-History; Violence; Family.